



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MARIA ANIELE SILVA DE OLIVEIRA**

**A MATERNIDADE NO ENFRENTAMENTO DA DITADURA: REFLEXÕES  
ACERCA DAS VÁRIAS FORMAS DE RESISTÊNCIA ADOTADAS**

**GUARABIRA  
2019**

MARIA ANIELE SILVA DE OLIVEIRA

**A MATERNIDADE NO ENFRENTAMENTO DA DITADURA: REFLEXÕES  
ACERCA DAS VÁRIAS FORMAS DE RESISTÊNCIA ADOTADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em História.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48m Oliveira, Maria Aniele Silva de.  
A maternidade no enfrentamento da ditadura [manuscrito] : reflexões acerca das várias formas de resistência adotadas / Maria Aniele Silva de Oliveira. - 2019.  
26 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Coordenação do Curso de História - CH."  
1. Mulheres. 2. Maternidade. 3. Regime Civil-militar. I.  
Título  
21. ed. CDD 981.063

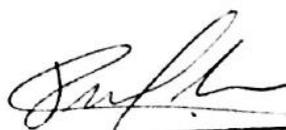
MARIA ANIELE SILVA DE OLIVEIRA

**A MATERNIDADE NO ENFRENTAMENTO DA DITADURA: REFLEXÕES  
ACERCA DAS VÁRIAS FORMAS DE RESISTÊNCIA ADOTADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em História.

Aprovada em: 22/11/2019.

**BANCA EXAMINADORA**



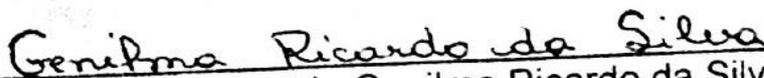
---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Jaqueline Gonçalves Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof<sup>ª</sup>. Mestranda Genilma Ricardo da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A minha filha, Maria Alice, por ser meu  
motivo de resistência, DEDICO.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	11
2. MULHERES NA RESISTÊNCIA AO REGIME: UMA ESCRITA NECESSÁRIA PARA PERSONAGENS ESQUECIDAS .....	12
3. FILME QUE BOM TE VER VIVA EM ANÁLISE.....	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21
5. REFERÊNCIAS .....	22

**A MATERNIDADE NO ENFRENTAMENTO DA DITADURA: REFLEXÕES  
ACERCA DAS VÁRIAS FORMAS DE RESISTÊNCIA ADOTADAS  
MOTHERHOOD FACING DICTATORSHIP:  
REFLECTIONS ABOUT THE WAYS OF RESISTANCE THEY ADOPTED**

Maria Aniele Silva de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO**

No presente artigo, iremos analisar as formas de resistências durante a ditadura civil-militar no Brasil, em 1964. O objetivo central consiste em estudar o quanto as mulheres se destacaram em todos os âmbitos, focando principalmente no aspecto da maternidade e como foi importante para que as presas políticas pudessem ter forças para sobreviver diante de toda a repressão do período. A possibilidade de gerar uma nova vida, foi fundamental para elas, se tornava numa esperança de sair daquela obscuridade, dissolver aquele governo e construir uma sociedade mais justa, uma renovação do mundo. Por meio de depoimentos de algumas mulheres que sofreram torturas, iremos relatar as particularidades delas e evidenciar formas de tratamentos que o regime dispensava para com seus opositores (as). Nossas análises se baseiam no documentário *Que bom te ver viva* (1989) e de autores como OLIVEIRA (2011), RAGO (2009) E NAPOLITANO (2014), sobre o qual iremos construir a discussão.

**Palavras-chave:** Mulheres. Maternidade. Regime civil-militar.

**ABSTRACT**

In this article, we will analyze the forms of resistance during a civil-military dictatorship in Brazil in 1964. The main objective is to study how prominent women were in all areas, focusing mainly on the aspect of motherhood and how important it was for those who were arrested for political reasons could have the strength to survive all the repression of the period. The possibility of generating a new life was so important to them, because it became a hope of coming out of the dark, dissolving that government and creating a fairer society, a rebirth for the world. Through the testimony of some women who suffered torture, we will talk about its particularities and highlight the ways this regime treated its opponents. Our analyzes are based on the documentary *Que bom te ver viva* (1989) and authors such as OLIVEIRA (2011), RAGO (2009) and NAPOLITANO (2014), about whom we development this discussion.

**Keywords:** Women. Motherhood. Civil-military regime.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: niele.oliveira@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A Ditadura civil-militar no Brasil entre os anos de 1964 a 1985 mexeu em todos os aspectos da vida dos brasileiros e brasileiras, impondo seus conceitos e reprimindo aquele que fosse contra seus ideais. Um período marcado por vários Atos Institucionais colocando em prática a censura e supressão de direitos constitucionais, a perseguição política e a falta total da tão sofrida democracia. Partidos políticos, organizações estudantis e sindicatos tiveram suas autonomias totalmente sucumbidas. Com a década de 1960, iniciou uma fase de mortes, desaparecimentos, perseguições e torturas. Um regime consistente que contava com o apoio da elite, da classe média e dos Estados Unidos.

O presente trabalho irá analisar o documentário *Que bom te ver viva*, dirigido por Lúcia Murat, lançado em 1989, pouco tempo depois do final do regime militar, onde os ânimos ainda estavam profundamente abalados, e que até hoje restam feridas abertas e expostas que jamais se fecharam. Ressaltando também que foi um divisor de águas em que as mulheres falaram pelas primeiras vezes, e aqui, procurarei salientar os aspectos relacionados à maternidade e o quão isso as fez resistir. E então responder as seguintes questões: como resistir em tempos sombrios? De onde buscar forças para superar algo que reprime tanto fisicamente quanto psicologicamente? A escolha de ser mãe durante uma ditadura foi um dos caminhos mais difíceis que as mulheres que sobreviveram nessa época tão obscura tiveram que fazer. Ser mãe e militante para que assim pudesse lutar por um futuro melhor para seus filhos e filhas, se tornaria uma escolha mais complexa e mais difícil ainda, deixando de lado todos os preceitos sociais que as cercavam.

Daremos foco as mulheres, o quão se sacrificaram e o quanto tiveram que procurar formas de conciliação para conseguir cumprir todos os seus propósitos. Mesmo tendo a total repressão da liberdade de expressão pelos militares, e até mesmo os grupos de esquerda como a Ação Popular (AP), que proibiam as mulheres de terem filhos, para que não pudessem fragilizar suas militâncias e tinham também o medo que se as mulheres engravidassem, futuramente, as organizações militares poderiam torturar e prende-las na frente de seus filhos e/ou maridos. Mas, elas viram na maternidade uma forma de resistir, a possibilidade de

gerar uma nova vida, se tornava numa esperança de sair daquela obscuridade, dissolver aquele governo e construir uma sociedade mais justa.

Portanto, nesse artigo procurarei dar voz a essas mulheres que nessa época despertaram a militância acima dos afazeres domésticos e da maternidade, que resistiam em prol disso, pois sabiam que mesmo sem elas, os filhos estariam bem e que posteriormente, voltariam e cuidariam deles, já com um futuro melhor garantido, que segundo Scott (1990, p.6) seria “[...] uma redefinição e alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva, quanto às atividades públicas e políticas”.

Para isso, utilizaremos depoimentos de algumas mulheres que sofreram torturas, relatos das particularidades delas e evidenciar formas de serem tratadas que o regime dispensava para com seus adversários (as). As análises se baseiam no documentário *Que bom te ver viva* (1989) e de autores como OLIVEIRA (2011), RAGO (2009) E NAPOLITANO (2014), o qual iremos construir a discussão.

## **2. MULHERES NA RESISTÊNCIA AO REGIME: UMA ESCRITA NECESSÁRIA PARA PERSONAGENS ESQUECIDAS**

Os anos que sucederam aquele 1 de abril de 1964 marcaram definitivamente a história do Brasil, o estado de exceção instaurado, organizado pelos militares com apoio de parte da sociedade civil condicionaram a população brasileira ao controle severo, a repressão, artística, intelectual e moral.

No entanto, passados a inércia inicial, parte da população não ficou de braços cruzados, passaram a se organizar e lutar contra o regime ferozmente. Ações que utilizavam técnicas de guerrilhas para conseguirem seus objetivos, muitas das vezes utilizando-se de métodos pouco ortodoxos, mas que em seu ideal primava à libertação daquele regime opressor.

Após algumas “vitórias” das guerrilhas, como eram intituladas, o regime passou a reprimir duramente toda e qualquer manifestação ou opinião que fosse contrária a ele, utilizando-se da tortura e de execuções sumárias. Nas palavras de Marcos Napolitano, em seu livro *1964: História do Regime Militar*, “o martelo de pilão de repressão não matou apenas moscas, mas tudo o que ousasse voar. O regime militar montou uma grande máquina repressiva que recaiu sobre a sociedade, baseada em um tripé: vigilância – censura – repressão”.

Com a criação dos DOI-CODI'S<sup>2</sup> a situação dos que ousavam desafiar o regime ficou ainda pior, a qualquer momento poderiam ser levados para interrogatórios por serem “inimigos” da pátria, os subversivos, e de lá poderiam nunca mais sair, pois conseguir sobreviver as torturas a que eram submetidos, era uma missão praticamente impossível.

A repressão à base de tortura superou qualquer limite jurídico ou humanitário, ferindo mesmo a ética militar, que prega o tratamento digno dos prisioneiros. Para driblar o precário controle dos comandantes ou mesmo agir sem prestar contas, ainda que formalmente, ao sistema oficial de repressão, muitas equipes de tortura tinham centros clandestinos. (NAPOLITANO, 2014, pg.122)

O regime civil-militar instaurado a partir de 1964, aqui no Brasil, traz até hoje máculas e feridas profundas em nossa sociedade, mães que não puderam velar seus filhos que tiveram as vidas ceifadas nos porões sombrios do regime, filhos que até hoje não sabem o paradeiro de seus pais. Aos sobreviventes, dores, mágoas, feridas que perpassam as dores corpóreas, ficaram imbricadas na sua essência. Passados 35 anos do fim desse perverso acontecimento, quais as injustiças cometidas pela História? Quais personagens ainda ficaram renegados em meio às inúmeras produções sobre o ocorrido?

Aos que lerão este texto, não estamos tratando de desmerecimento de personagens que lutaram contra o regime de exceção, líderes como Mariguella ou Lamarca, mas sim, que possamos repensar que personagens foram postos de lado. Afinal, e as mulheres? Qual o papel desempenhado por elas enquanto agentes de resistência?

Em algumas abordagens sobre a participação das mulheres, na maioria das vezes, elas foram apresentadas, tão somente, como coadjuvantes dos movimentos e das lutas como taxadas como auxiliadoras dos homens, exercendo, mais raramente, os papéis de protagonistas. Depreendendo-se do fato das “mulheres que souberam lutar, resistir e encontrar seus próprios espaços, produzindo seus saberes e afirmando ousadamente estilos libertários e feministas de existência.” (RAGO, 2013, p. 16 apud ROSA, 2013, p. 16).

---

<sup>2</sup> Departamento de Operações de Informação do Centro de Operações de Defesa Interna. O departamento se tornaria conhecido como a central de tortura e assassinato dos adversários do regime. Para mais informações ver: <http://memorialdademocracia.com.br/card/doi-codi-a-maquina-de-torturar-e-matar>. Acesso em 13/10/2019

A participação das mulheres na luta contra a Ditadura civil-militar, no Brasil, apresenta uma grande importância para a História, tendo em vista que tal regime execrável acarretou a morte, exílio e prisão de muitas delas que resolveram ousar desafiar não apenas o regime, mas também os costumes de uma sociedade, posicionaram-se contra a repressão, tortura e perseguição advinda deste regime.

Faz-se imprescindível que a coragem dessas mulheres sejam elencadas assim como Margareth Rago evidencia em seu texto *A coragem feminina da verdade*. Para ela, é impossível não admirar a coragem daquelas mulheres, “que profere discursos da verdade que lhes são próprios e que lhes custaram tão caro, não só correndo o risco da perda da própria vida, mas também as dos seus filhos”.

Mesmo com toda a luta das mulheres, tanto como militantes que foram contra o regime, quanto com as que militam para que essas que lutaram contra a ditadura sejam evidenciadas, ainda persistimos com essa injustiça, com esse desmerecimento, esquecimento e invisibilidade perante a sociedade? Quais elementos que sustentam esse fato?

Para a historiadora Margareth Rago, tal ausência é caracterizada, pelo seguinte fato:

[...] temos uma historiografia que é marcada por uma dicotomia muito forte. De um lado, praticamente todos os trabalhos que falam da ditadura militar no Brasil são escritos por homens e falam dos homens. De repente, tem um capítulo pequeno, uma nota de rodapé, que cita uma mulher e faz uma concessão, mas, em geral, não há isso. (RAGO, 2009, p. 1-2).

Não obstante, a tentativa de evidenciar a luta dessas mulheres que foram contra o Regime Militar, não significa propriamente tentar torná-las heroínas. Para Margareth Rago, a tentativa, deve ser muito mais que isso, deverá ser um passo a mais na importante contribuição histórica dessas agentes. Segundo a autora:

Não se trata, aqui, de vitimizar mais uma vez as mulheres, chorando infinitamente as suas dores, nem de construir ingenuamente figuras heroicas e idealizadas, já ultrapassadas. Trata-se, antes, de permitir que a pluralidade da história não seja obliterada pelas narrativas pretensamente universais, sempre excludentes e estigmatizadoras, criando-se espaços para a expressão diferenciada da memória de todos os setores sociais. (RAGO, 2009, p. 7)

Para entendermos e podermos contextualizar a nossa tentativa de “dar voz” a essas militantes que tanto sofreram durante o regime de exceção, utilizaremos da

análise de depoimentos de duas mulheres: Nilce Azevedo Cardoso e Miriam Azevedo de Almeida Leitão, depoimentos descritos respectivamente no livro *Mulheres ditaduras e memórias*<sup>3</sup> e numa reportagem do jornal *O Globo*<sup>4</sup>.

No livro *Mulheres Ditaduras e Memórias*, mais precisamente no capítulo intitulado *Trajeto possíveis quando “a realidade passa dos limites”*, Susel Oliveira da Rosa discorre sobre a história de Nilce Azevedo. Nele a autora faz uma breve biografia de sua entrevistada. Nilce nasceu em Orlandia, passando a adolescência em Ribeirão Preto e, no ano de 1964, mudou-se para a cidade de São Paulo. Nilce Azevedo participou dos Movimentos de Educação de Base, ingressando na JUC (Juventude Universitária Católica), compondo vários movimentos contestatórios em meio à efervescência política e ao embate contra a ditadura que se iniciara.

Após o AI-5, Nilce foi obrigada a entrar para clandestinidade, como forma de se manter segura diante do regime extremamente cruel com os seus opositores. Acabou mudando-se para a cidade de Porto Alegre, e mesmo sob constante ameaça, continuou organizando movimentos de contestação ao regime. Em 11 abril de 1972, acabou sendo presa por policiais do DOPS/RS<sup>5</sup> em uma armadilha.

Durante os “interrogatórios”, Rosa destaca o sofrimento vivido por Nilce, “Às depreciações, aos socos e pontapés, seguiu-se o choque elétrico. Nilce emudeceu, calou-se, não gritava, nada dizia aos torturadores: ficou muda.” (ROSA, 2013, p. 61)

Como tentativa de explicação para a resistência de Nilce em não delatar seus companheiros, resistência para se manter viva, continuando firme mesmo sofrendo as mais duras penas, Rosa elenca que:

Entre as palavras e o silêncio, Nilce preferiu o silêncio: potencialidade encontrada por ela em meio à desfiguração do corpo, que estabeleceu novas conexões, buscando na própria vida a potência, fazendo com que essa mesma vida, objeto de destruição nas mãos de seus carrascos, se voltasse contra o sistema que intentava aniquilar-lhe. (ROSA, 2013, p.62)

---

<sup>3</sup> ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditaduras e memórias**: Trajetos possíveis quando “a realidade passa dos limites”. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/miriam-leitao-fala-sobre-tortura-que-sofreu-nua-gravida-de-1-mes-durante-ditadura-13663114>

<sup>5</sup> Órgão histórico de repressão aos movimentos sociais e populares, o DOPS foi também centro de tortura durante a ditadura do Estado Novo, retomando essa prática no regime militar.

Para mais informações ver: <http://www.forumverdade.ufpr.br/caminhosdaresistencia/a-repressao/departamento-de-ordem-politica-e-social-dops/>. Acesso em: 26/10/2019

Rosa continua a descrever o sofrimento vivido por Nilce nos porões da Ditadura:

No DOPS/RS ela teve o osso do tórax quebrado, perdeu quinze quilos, seu útero foi queimado, e mesmo assim, as sessões de tortura continuavam. E ela permanecia em silêncio. As palavras dos policiais se misturavam aos sons da invasão interna, ininterrupta, dos órgãos que iam sendo dilacerados: pele, estômago, rins. Um fio tênue ligava Nilce à vida, quando seu corpo-testemunha deixou de reagir aos estímulos externos, desconectando a “consciência”. “Eles chamaram o médico de novo. O médico enfiou agulha em tudo quanto era lugar para poder ver se eu ainda estava viva. Porque, como eu não gritava, não falava nada, eles não sabiam se eu estava viva (...) o médico dizia: “Não, ela aguenta, ela aguenta”. (ROSA, 2013, p.63)

As sessões de torturas acabaram levando Nilce ao coma. Após acordar desse coma, ela foi levada para São Paulo, algemada na poltrona de um avião para a da OBAN<sup>6</sup>, antes de sair de Porto Alegre, ela foi altamente dopada com doses de remédios psicotrópicos, causando a ela alucinações severas.

Mesmo com todo esse terror vivenciado, Nilce sobreviveu, resistiu, encontrou forças em meio ao sofrimento, manteve-se muda como maneira de subverter a ordem imposta manteve-se viva em meio a situações impossíveis as condições humanas de sair de lá viva.

Antes de adentrarmos na história vivenciada por Miriam Leitão na ditadura, faz-se necessário que essa análise só está podendo ser feita diante de um contexto relativamente novo. No ano de 2014, em meio às atividades da Comissão da Verdade, líderes do exército brasileiro acabaram processando a Comissão. Em relatórios produzidos pelas Forças Armadas, a pedido da Comissão Nacional da Verdade, o Exército, Marinha e Aeronáutica negaram a ocorrência de “desvios de função” nas suas unidades durante o regime civil-militar. A jornalista Miriam Leitão, indignada com tal fato, resolveu conceder entrevista/depoimento ao Observatório da Imprensa<sup>7</sup>. Por meio dessa entrevista, ela relata os momentos de terror que viveu durante alguns meses nas mãos de militares<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> A OBAN foi criada para centralizar as investigações e o desmantelamento das organizações de esquerda – armada ou não – sob direção do Centro de Informações do Exército (CIE). Para mais informações ver: <http://memorialdademocracia.com.br/card/nasce-a-oban-braco-da-tortura-em-sp>

<sup>7</sup> Para mais informações ver:

[http://observatoriodaimprensa.com.br/memoria/\\_ed813\\_miriam\\_leitao\\_relata\\_ter\\_sido\\_torturada\\_gravida/](http://observatoriodaimprensa.com.br/memoria/_ed813_miriam_leitao_relata_ter_sido_torturada_gravida/). Acesso em 23/10/2019

<sup>8</sup> Ela revela sua decisão de levar à tona em 2014 o sofrimento que passou durante o regime militar em entrevista ao programa Conversa com Bial, da rede Globo. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5922169/programa/>. Acesso em 25/10/2019

Essa entrevista acabou sendo publicada, agora pelo jornal O Globo, em outubro de 2018, levando em consideração ao tom de negação da ditadura militar por parte do na época candidato e hoje presidente da República, como também grande parte de seus apoiadores. Nesse depoimento, Miriam Leitão conta os momentos de aflição que viveu ao longo de 7 meses nas mãos dos militares no Estado do Espírito Santo.

Miriam Leitão foi presa enquanto ia à praia com o marido, Marcelo, a partir daí ela descreve os momentos seguintes da seguinte forma:

Fui levada para uma grande sala vazia, sem móveis, com as janelas cobertas por um plástico preto. Com a luz acesa na sala, vi um pequeno palco elevado, onde me colocaram de pé e me mandaram não recostar na parede. Chegaram três homens à paisana, um com muito cabelo, preto e liso, um outro ruivo e um descendente de japoneses. Mandaram eu tirar a roupa. Uma peça a cada cinco minutos. Tirei o chinelo. O de cabelo preto me bateu:  
 – A roupa! Tire toda a roupa.  
 Fui tirando, constrangida, cada peça. Quando estava nua, eles mandaram entrar uns 10 soldados na sala. Eu tentava esconder minha nudez com as mãos. O homem de cabelo preto falou:  
 – Posso dizer a todos eles para irem pra cima de você, menina. E aqui não tem volta. Quando começamos, vamos até o fim. (O Globo, 2018)

Como esses relatos não fossem suficiente para nos impactar pela gravidade do fato, onde não havia acusação formal para pelo menos permanecer presa, não havia acusação cabível, apenas a pura opressão de um regime que quanto mais permanecia no poder, mais cruel se tornava. Ela segue seu relato de agonia:

Eles saíram e o homem de cabelo preto, que alguém chamou de Dr. Pablo, voltou trazendo uma cobra grande, assustadora, que ele botou no chão da sala, e antes que eu a visse direito apagaram a luz, saíram e me deixaram ali, sozinha com a cobra. Eu não conseguia ver nada, estava tudo escuro, mas sabia que a cobra estava lá. A única coisa que lembrei naquele momento de pavor é que cobra é atraída pelo movimento. Então, fiquei estática, silenciosa, mal respirando, tremendo. Era dezembro, um verão quente em Vitória, mas eu tremia toda. Não era de frio. Era um tremor que vem de dentro. (O Globo, 2018)

Na sequência do depoimento ela descreve como foi o “interrogatório” a que foi submetida:

Dr. Pablo voltou, depois, com os outros dois, e me encheu de perguntas. As de sempre: o que eu fazia, quem conhecia. Me davam tapas, chutes, puxavam pelo cabelo, bateram com minha cabeça na parede. Eu sangrava na nuca, o sangue molhou meu cabelo. Ninguém tratou de minha ferida, não me deram nenhum alimento naquele dia, exceto um copo de suco de laranja que, com a forte bofetada do capitão Guilherme, eu deixei cair no chão. Não recebi um único telefonema, não vi nenhum advogado, ninguém sabia o que tinha

acontecido comigo, eu não sabia se as pessoas tinham ideia do meu desaparecimento. (O Globo, 2018)

Mesmo sendo do conhecimento de seus torturadores que estava com um mês de gravidez não adiantou em nada. Miriam foi ignorada, e o pior, mesmo estando grávida, não aliviaram em nenhum momento a situação dela lá dentro. Para piorar, o sentimento de medo, aflição e terror era constantemente reforçado.

Quando pensava em descansar e dormir um pouco, à noite, o lugar onde estava de repente era invadido, aos gritos, com um bando de pastores alemães latindo na minha cara. Não mordiam, mas pareciam que iam me esfaquear, se escapassem da coleira. E, para enfurecer ainda mais os cães, os soldados gritavam a palavra que enlouquecia a cachorrada: "Terrorista, terrorista!..." (O Globo, 2018)

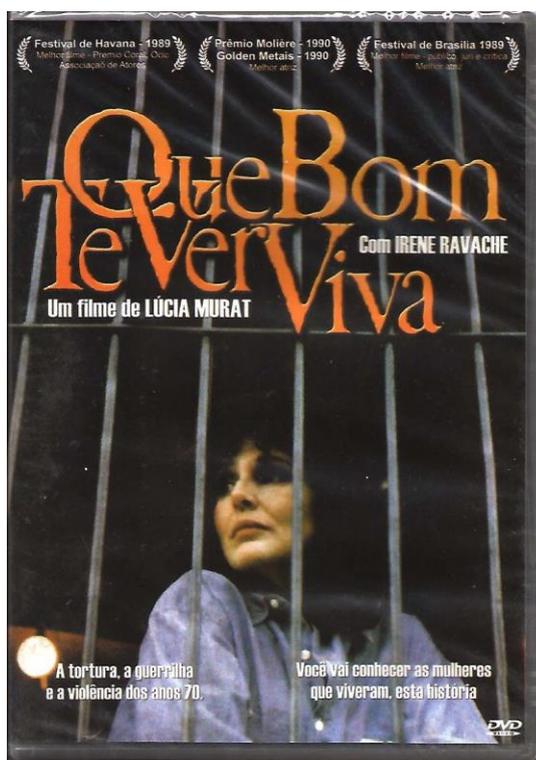
Dessa maneira, ao abordarmos a história dessas mulheres significa abordarmos de outra maneira à questão da Ditadura civil-militar instaurada aqui no Brasil, como propõe Leonor Arfuch (2009):

Versões que supõem um trabalho com a memória, em seu entrelaçamento com o público, o privado e o íntimo, especialmente quando também está em jogo o corpo. Está em jogo o corpo, por que se a disseminação da tortura, do desaparecimento e dos sequestros perpetrados pelas forças repressivas atingiram os militantes em geral, adquiriram um caráter específico em relação às mulheres por meio da violência baseada no gênero. Torturar através do estupro, mutilação, humilhação, insultos e ameaças sexuais foram técnicas utilizadas contra as mulheres, desde o momento da prisão até a sala de torturas. (ROSA, 2015, p,312)

Escrever este trabalho não é fácil, analisar a história dessas mulheres que insurgiram contra o regime acaba por evidenciarmos a postura dessas guerreiras, contar detalhes a que essas mulheres foram submetidas nas salas de tortura. Ao fazermos essas análises, nos deparamos com situações ultrajantes, como também fatos extremamente chocantes, mulheres grávidas que também sofreram nas mãos dos torturadores, como já evidenciamos acima. Dessa maneira, surgem novas indagações. Como resistiram em meio à opressão? Onde encontrar força para resistir e sobreviver?

Tentando responder essas perguntas, utilizaremos da análise do filme-documentário *Que bom te ver viva*, sobretudo nos trechos em que são evidenciadas as lutas das mulheres que estavam em período de gestação e mesmo assim foram submetidas as mais desumanas torturas.

### 3. FILME QUE BOM TE VER VIVA EM ANÁLISE



Historicamente e culturalmente, a maternidade está atrelada às mulheres, cabendo a estas, de acordo com suas condições, serem fator de risco ou de proteção para seus filhos. Um misto de sensações se passam nesse período maternal, que vão desde a gravidez até o parto, do momento que o filho nasce, até que consigam finalmente andar sozinhos, do início da vida escolar, até o dia que o filho consegue uma vaga na faculdade. Essas mães que colocavam suas vidas em risco diariamente e principalmente por que eram procuradas pela justiça, se dividiam entre o papel de ser mãe e o de ser militante.

Em busca de dar voz as que por muito tempo foram silenciadas, a película *Que bom te ver viva*, de Lúcia Murat, conta a história de diversas mulheres que sobreviveram, mesmo com sequelas, ao período da Ditadura civil-militar. No aspecto da maternidade, o filme trata de como o poder de gerar uma nova vida serviria como uma forma de resistência a ir contra o sistema opressor vigente na época.

O documentário traz falas das militantes contando as experiências vividas na prisão e o quanto se sentiam totalmente degradadas e impotentes nas mãos dos torturadores. Maria do Carmo Brito (07:02 m) diz no filme, que na maternidade

encontrava uma possibilidade de vida, ou seja, que seria uma forma de resistência e de perseguir seus objetivos.

Regina Toscano (1989, 15:42 m), que era militante da Organização Guerrilheira MR-8, presa em 1970, e que ficou um ano sendo torturada na prisão, se emociona e conta que quando foi presa ela estava grávida, e que perdeu seu primeiro filho lá, mas que o que segurou sua vontade de viver era o desejo de ser mãe, a certeza de que iria ter um filho, o que representava para ela vida.

Quando Regina continua sua fala e diz que se os torturadores ofereciam morte, ela respondia com vida, e ela deu a resposta assim que saiu da prisão: engravidando do seu primeiro filho que se chamaria Daniel. Os outros filhos que ela teve depois, só fortificava a ideia de ser vida, fazer uma nova vida para revalidar a sua existência. Arendt assinala que “o novo começo inerente ao nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir.” (Arendt, 1990 *apud* Oliveira, 2011, p. 10).

Mesmo estando presas, encarceradas de suas liberdades, elas procuravam formas de se manterem vivas. Mesmo tendo seus corpos manipulados sob torturas, a qual viam a morte diariamente, elas tinham o poder de gerar uma nova vida e que essas vidas seriam luz. Criméia de Almeida (1989, 27:38 m), fala em seu depoimento sobre sua gravidez enquanto presa:

Para mim a gravidez marcou muito, teve seus aspectos positivos. Eu acho que ter um filho é uma coisa gostosa e eu senti isso mesmo na prisão, que foi uma situação difícil, ter um filho na prisão, mas foi uma sensação gostosa. Uma sensação assim parece até meio impossível que a gente consiga pensar isso tendo um filho na prisão, cercada com metralhadoras, etc. E eu pensava o seguinte, eles tentam acabar comigo e nasce mais um aqui mesmo, onde eles tentam me eliminar, onde eles tentam acabar com as pessoas, a vida continua. Eu sentia o nascimento do meu filho como se ele tivesse se libertando do útero, pra mim era um sinal de liberdade, meu filho livre.

Através da fala de Criméia, afirmamos o quanto um filho foi algo renovador e importante para a sobrevivência e para a resistência dessas presas políticas. “À maternidade nesse caso não está voltada para uma questão biológica, mas como uma possibilidade de mudança, de ação, o que para a autora é completamente intrínseca a questão da liberdade, o que era a grande busca do período.” (Arendt, 1990 *apud* Oliveira, 2011)

Principalmente nessas falas, notamos que essas mulheres, além de fortes guerreiras contra esse governo, junto com o poder e força de ser mãe, resistiram e decidiram viver no caráter de formar novas vidas, tanto suas quanto dos seus filhos e família, e mostraram que são muito mais superiores do que qualquer torturador que ameaçassem a sua existência. “Em todas as idades, estamos nos educando. No filho, porém, sonhamos a origem da humanidade e pretendemos ser melhores, através deles. É nossa ilusão de eternidade.” (Ecleide, 2016, p.1)

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos construir durante todo o artigo, linhas que interligam o período da Ditadura civil-militar, a força da mulher como também com a significação da maternidade e como ela se transformou em resistência para determinadas mulheres. Percebemos ao longo dos depoimentos e estudos feitos em volta do tema, o quanto as mulheres eram e ainda são deixadas de lado pela sociedade patriarcal que vivemos. Quando se tornam mães, o quanto são santificadas para serem alguém que apenas cuide do filho e do lar e deixem toda a sua vida de lado. Todavia, vemos um avanço considerável em todos os âmbitos e destaques sociais em volta delas, e que nada impedem que busquem pelas suas liberdades.

Compreender a participação feminina nesse contexto nos ajuda a entender a construção social da identidade feminina, que se vincula as relações de gênero com o recente campo político do país. As mulheres assumindo novos papéis e rompendo com códigos da época e se fazendo presente e dando destaque em todos os âmbitos.

Os longos anos da Ditadura civil-militar serão lembrados eternamente na História, no corpo e na memória de quem viveu e quem lutou nos anos de chumbo. Memórias que permaneceram vivas e marcadas, principalmente para as mulheres que são verdadeiros símbolos de força e resistência e que foram contra a toda forma de repreensão e que rompiam com todos os padrões convencionais da época.

Resistir em prol da bandeira da luta pela libertação, foi o que fez essas mulheres acreditarem em símbolos reais de resistência: os filhos. O poder e o prazer de gerar uma nova vida para que tudo se transformassem em novo, foi o que segurou e fez com que tantas vidas sobrevivessem.

Dentre as mulheres apresentadas no texto, Nilce Azevêdo, Miriam Leitão, Crimeia de Almeida, Maria do Carmo e Regina Toscano, são exemplos, que acreditaram que com a maternidade a lutas delas não seria em vão, pois semeariam alguém novo que continuaria essa batalha, mesmo que estivessem colocando em risco suas próprias vidas, e até mesmo indo contra a própria organização que faziam parte.

Nesse sentido, é necessário dar continuidade ao trabalho de promoção da notoriedade das mulheres, até hoje anônimas, mas que entregaram suas vidas em nome da liberdade. Como bem faz a Secretaria de Políticas para as Mulheres do RS ao apoiar e articular iniciativas que denunciam a ditadura e os torturadores, enfrentando um legado violento deixado pelos anos do regime autoritário, lembrando quando Ariane Leitão diz em um de seus artigos: “Para que nunca se esqueça, para que nunca mais aconteça! Memória, verdade e justiça!”

## 5. REFERÊNCIAS

- CORREIA, A. **O significado político da natalidade**. In: \_\_\_\_\_; NASCIMENTO, M. (orgs.). Hannah Arendt: entre o passado e o futuro. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2008. p. 15-34
- ECLÉIDE, Roberta. **Ser mãe? Por quê? Para quê? Para quem?**. 2016. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/ser-mae-por-que-para-que-para-quem/>. Acesso em 01 de novembro de 2019.
- LEITÃO, Ariane. **Pela liberdade, contra a tortura**. 2013. Disponível em: <http://www.pters.org.br/2013/12/artigo-pela-liberdade-contra-a-tortura-por-ariane-leitao/>. Acesso em 10 de novembro de 2019.
- NAPOLITANO, Marcos. 1964:história do regime militar brasileiro. Editora Contexto, 2014.
- OLIVEIRA, José Luiz de. **Hannah Arendt e o sentido político da categoria natalidade**. In: Argumentos, Ano 3, Nº. 6 – 2011.79 - 88.
- Que bom te ver viva**. (BRASIL:1989). Direção: Lúcia Murat. Produção: Lúcia Murat. Roteiro: Lúcia Murat. Distribuição: Embrafilme. Gênero: Semidocumentário. Duração: 100 min.
- RAGO, Margareth. Desejo de memória. Revista Labrys, 2009.

\_\_\_\_\_. A coragem feminina da verdade: Mulheres na Ditadura Militar no Brasil. In: ASSY, Bethania (Cord.) et al. Direitos humanos: justiça, verdade e memória. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.

ROSA, Susel Oliveira da. Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e realidade*. Porto alegre, v. 16, n.2, p. 5-22, jul/dez., 1990, p.6.

## AGRADECIMENTOS

Na parte mais fácil do TCC, que são os agradecimentos, onde não precisamos utilizar nenhum referencial teórico ou jogo de palavras, é onde fiquei mais sem palavras e sem saber por onde começar. Então diria que, Deus preparou um destino com várias formas, para que eu pudesse passar por todos e então conseguir ter o sentimento de mais um dever cumprido, mas sem esquecer que sempre devo olhar para trás, e ver o quanto tudo isso foi suado, mesmo procrastinando nas mais diversas vezes.

Não poderia deixar de dizer o quanto sou grata aos meus pais, pelo incentivo de estudar para ser alguém na vida e ter minha independência, mesmo que por horas, segui caminhos contrários. Ao meu pai, por ter sempre me passado o que é certo e mostrar que sempre erramos, mas que todo erro pode ser reconsiderado e que devo aprender com eles. A minha mãe, por me ensinar que podemos ser gentis com todo mundo, e que sempre somos capazes de ver o lado bom de qualquer coisa, sempre respeitando os próprios limites e mostrando garra, para que nenhum obstáculo possa nos fazer desistir, e também, agradeço a ela, pelos cuidados com a minha filha, Maria Alice, sendo sempre a vovó mais amorosa e sempre afirmando que pode cuidar dela para mim, enquanto construo o meu caminho.

Ao meu irmão mais velho, Lenildo, que também sempre me quis ver formada, por que para ele, é extremamente importante, mostrando que venceremos, mesmo que por vezes, possamos nos sentir só, mesmo longe, nunca deixou de dar apoio. Ao meu irmão Leandro, por ter me acompanhado durante todo o trajeto e ter vibrado com cada conquista, do seu jeito, sempre sendo prestativo e pronto para servir a qualquer momento que precisar. A Leandison (Dinho), que mesmo sendo o irmão mais novo, se dispôs a cuidar sozinho da minha bebê enquanto eu ia para faculdade e ter feito esse trabalho tão bem, assim como se fosse o total responsável por ela, sem a ajuda dele, com toda certeza essa conclusão não seria possível.

A toda minha família, particularmente minhas tias e meus avós, por sempre procurar me entender e desejar as mais belas conquistas. Que nunca desistiram e que sempre confiaram em mim.

Após mais de cinco anos de curso, hoje percebo que tudo se passou num fleche. Ficam apenas as fotografias e memórias guardadas de um período único. Onde laços afetivos foram construídos e também companheirxs e amigxs de uma

verdadeira turma. Aos meus companheirxs e amigxs de trabalhos, Renata (Reeh) que sempre foi a minha pessoa na faculdade, Wellington (Weel) a qual confiei segredos nunca revelados e Matheus (Teteu) com todas nossas brincadeiras. Sempre me mostraram que poderíamos contar um com o outro e servindo de apoio para qualquer momento. Foram realmente momentos inesquecíveis.

Agradeço também a Alex que chegou já no meio do curso, Alan (Rocheda) com sua preocupação, Cilene a qual admiro demais pela sua garra, a Eduardo que sempre puxou minha orelha, a Edvan com sua calma, a Fran com o seu “amanhã eu faço”, a Júlio pela sua humildade e a quem compartilhei momentos fantásticos e de aprendizado em viagens para o curso de extensão, a Pedro a que já demos boas risadas, a Alan Marcus pela sua força de vontade em sempre dar o seu melhor, porque a vida é muito louca, a Yana por ser a deusa da sala, a Rooh que nos deixou, mas que está fazendo seu caminho, a Luana que com seu jeito conquistou muita gente, inclusive a mim. São poucas as vezes que conseguimos construir laços assim, e espero, que cada um trilhe seu caminho e tenha muito sucesso nele. A cada um, meu muito obrigada por tudo.

E faltou uma pessoa na turma, que dedico esse parágrafo de agradecimento exclusivamente a ele: Thiago. O rapaz a que admiro tanto, que batalha todos os dias por um futuro melhor não só para ele, mas a todos que o cercam. Além de amigo, se tornou o meu amor e companheiro. Aquele que sempre me apoia e que luta para que eu não desista. Alguém que, independentemente de qualquer coisa, eu sei e tenho a certeza que poderei sempre contar. Não tenho palavras para agradecer tudo que faz por mim, sempre com muito carinho, cuidado e amor.

Agradeço imensamente a minha orientadora, Susel Rosa. A que me surpreende desde que a via nos corredores da universidade, e que conhecer ela melhor em sala de aula e agora como orientadora, só fez com que aumentasse toda essa admiração. Como professora, como pessoa, como mulher, ela é incrível. Susel me ensinou o sentido mais lindo da palavra resistência e mostrou que é um símbolo de significação para essa palavra, e isso levarei para o resto da minha vida. E a que também me ajudou a decidir o tema do trabalho com suas brilhantes aulas. Tenho certeza que se não fosse ela, talvez a conclusão não seria possível. Obrigada por toda paciência e bondade que me passa, “é muita prolactina envolvida”.

A todo corpo docente do departamento de História, sobretudo aos professores Carlos Adriano, Ruston Lemos, Lidyane Vasconcelos, Sheila, Juvandir, Nayara

Ferraz, Joedna, Elisa Mariano, Cristiano Cristilino, Edna Nóbrega, Simone Costa, Waldecy Chagas e a todos que contribuíram para que o meu mundo, fosse visto de uma melhor forma.

Aos meus queridos professores do ensino médio, especialmente a Adelson Madruga e Ferdnando Coriolano. Queria dizer que nunca esquecerei de vocês. Vocês foram fundamentais e deixaram marcados momentos inesquecíveis. Obrigada por sempre me incentivarem e por acreditarem que sempre podemos alcançar nossos sonhos.

Apesar de todos os percalços, de todas as dificuldades e contratemplos, é nos mestres em quem confiamos. Mestres que não abandonaram seus caminhos, por mais complicados que sejam, mantendo vivo o compromisso de ensinar.

E para fechar com chave de ouro... Dedico e agradeço todo o trabalho, todo o estudo, toda minha força e dedicação, toda minha luz e o meu sucesso, para resumir, a quem dedico toda a minha vida, minha filha, minha Maria Alice. Sem ela, eu não seria metade da pessoa que me tornei, não veria o mundo da forma que vejo, não me esforçaria constantemente para ser alguém melhor, e não saberia como empregar o sentido da palavra resistência. É por ela que eu resisto e a quem dedico todo o meu mais puro amor.

Aos não mencionados, por esquecimento, agradeço profundamente e peço bênçãos para vida de todos. Cada pessoa que passou, contribuiu de alguma forma e marcou a minha vida. Obrigada.